

O PESO DOS OUTROS

FÁBIO
VENTURA



*Don't fool yourself
She was heartache from the moment that you met her
My heart feels so still as I try to find the will to forget
her, somehow
Oh, I think I've forgotten her now*

«Forget Her», JEFF BUCKLEY

Espelho rachado

Naquela manhã, Lázaro acordou com a absurda certeza de que estava morto.

O sentimento dissipou-se quando sentiu o calor de Seraphine na cama e o perfume que ainda perdurava. A luz entrava em feixes dourados pelas cortinas entreabertas e a casa parecia suspensa num silêncio cúmplice. O dia começava sem sobressaltos, como tantos outros, quase como uma coreografia repetida até à perfeição.

Ela beijou-o na testa antes de sair da cama, a cascata de cabelos loiros a deslizar pelas costas de mármore. Lázaro ficou a observá-la num misto de ternura e desejo, enquanto vestia o robe de seda e escolhia a banda sonora para aquele acordar. A música de Erik Satie serpenteou pela casa enquanto ela saía. Era um dos seus favoritos. Ela estava bem-disposta.

Ainda ouvia os gemidos de Seraphine no seu ouvido, o seu corpo a ferver contra o seu. A noite passada fora como há muito não se lembrava.

O aroma a torradas entrou no quarto, assim como o trauteio descontraído da mulher vindo da cozinha. Lázaro abriu as cortinas, o sol banhou-lhe o corpo. Espreguiçou-se, deixando-se invadir por uma leveza rara. O mundo lá fora parecia uma pintura.

Tudo perfeito.

Seraphine regressou com um pequeno-almoço digno de uma publicação de Instagram. Quando o viu completamente nu,

encostado à janela aberta, não deixou de sorrir. Mas Lázaro reparou numa ténue tensão nos cantos da boca, que o fez agarrar no robe largado na poltrona. Vestiu-o num gesto automático, enquanto ela pousava o tabuleiro na cama.

— Cheira tão bem! — elogiou ele. — Isto leva-me para aquelas manhãs em Madrid. Lembras-te?

— Claro que me lembro. Uma cidade tão bonita e nós fechados naquele quarto — gracejou ela.

— Em minha defesa, a culpa foi tua. Os ares de Espanha deixam-te deliciosa.

— Não sou deliciosa agora?

Apertou-a contra si, beijando-a com o mesmo fervor da noite anterior. Ela retribuiu, passando os dedos pelo cabelo de corvo dele. Pela barba cerrada. Depois pelo pescoço. Depois pelas costas.

Sentaram-se na cama com sorrisos tontos, sabendo que não iam conseguir terminar o pequeno-almoço sem voltar a repetir o fogo de há horas.

— Achei que ontem ias trabalhar até tarde — disse ela, mordiscando uma tosta com abacate.

— Não me consegui concentrar sabendo que estavas aqui à minha espera. Valeu a pena. Dormi tão profundamente como há muito não fazia.

— Podia esperar, estava embrenhada nas redes.

— Trocado por um telemóvel! Devia ter ficado a trabalhar, afinal.

Seraphine bateu-lhe no ombro sem conseguir esconder um orgulho quente no peito. Era intoxicante sentir-se desejada daquela forma.

— Sabes que é à noite que me inspiro mais. Mas a minha mulher é mais importante e sei que não te tenho dado a devida atenção.

— Este projeto é importante para ti. Sempre me apoiaste nos meus. É tudo uma questão de equilíbrio.

— Eu sei.

— Como é que está a correr, já agora?

— A editora ainda não está satisfeita.

— A editora ou tu? — desmascarou ela, começando a brincar com os pelos das pernas dele. O toque deixou-o arrepiado. — És demasiado duro contigo próprio. És brilhante, não te esqueças disso.

Lázaro sentiu uma resposta mecânica surgir na ponta da língua. Mas nada saiu. Era como se já tivesse vivido aquele momento e aquela conversa e soubesse que não valia a pena. Estava enfeitado por aquela mulher. Era como se estivesse a vê-la pela primeira vez e a apaixonar-se novamente, os primeiros encontros, as primeiras aventuras.

— Estás a deixar-me louca com esse olhar...

Aproximou-se como um predador e agarrou na sua cintura, os olhos presos nos dela, oceanos de um azul-tropical que sempre o fascinaram. A mão dela subiu-lhe pela coxa, os dedos longos a percorrer caminhos perigosos...

Foi então que Lázaro viu o smartphone por entre os lençóis, uma luz verde a piscar.

Um espinho.

Antes que a mão dela chegasse mais longe, Lázaro recuou bruscamente. O tabuleiro virou-se e o café entornou-se por cima dele e dos lençóis brancos. A mancha pareceu-lhe uma caveira.

Seraphine levantou-se, assustada.

— Ainda estou meio a dormir — desculpou-se ele. — Eu limpo.

— Deixa estar. A empregada está quase a chegar. Vai lavar-te antes que a queimadura piore.

Lázaro foi até à casa de banho enquanto a mulher recolhia os destroços do pequeno-almoço. Despiu o robe e olhou-se ao espelho. Já não sabia o que queimava mais agora, o café ou o toque dela.

Talvez o dia anterior não tivesse corrido como esperava. Talvez algumas memórias indesejáveis ainda estivessem escondidas na sua mente.

Viu caveiras. Flores mortas. O rosto a desaparecer por baixo da sombra do cabelo e da barba. Esfregou os olhos, tentando apagar tudo aquilo. Entrou no duche e deixou que a água gelada afogasse os pensamentos.

Quando voltou ao quarto muito tempo depois, ouviu o barulho frustrado de Seraphine na cozinha. A manhã estava a apodrecer. A luz do sol iluminava tudo, mas o quarto parecia mais frio.

Foi à janela outra vez, ainda nu. Agora era um gesto de desafio. Encostou a mão ao vidro e deixou-se levar pelas imagens de recordações que julgara perdidas. Viu a cidade lá em baixo, milhares de vidas pequeninas, insignificantes, todas a correr contra um tempo devorador. Sentiu-se grande. Um rei. Um deus.

Começou a masturbar-se. Rápido, furioso. Imagens sucessivas e intensas. Negras. Músculos contraídos e suados. Quando terminou, sorriu ao ver o líquido escorrer pelo vidro. Deixou ficar.

Na cozinha, Seraphine compunha o que conseguira resgatar para o pequeno-almoço com a precisão de sempre. Parecia outra mulher, mais gélida, cabelo apanhado numa intrincada trança e vestido sóbrio. Estava já no seu habitual ritmo orquestrado.

Quando se sentou, o sorriso dela já era outro. Calculado. Um sorriso que lhe pertencia mais.

Ficaram em silêncio a comer enquanto alternavam entre trocas de olhares e rostos virados para o céu vazio. Seraphine sacou do telemóvel e começou a deslizar o dedo pelas suas redes sociais, algo que já não era só trabalho, mas uma obsessão.

— Estavas a gravar lá no quarto? — questionou ele.

— Estava? Estive a gravar uma melodia enquanto preparava o pequeno-almoço. Se calhar continuou a gravar e eu não dei por nada.

Lázaro não respondeu, limitando-se a fitá-la.

— Não te esqueças de que amanhã temos aquela sessão fotográfica. Também querem entrevistar-nos.

— Já sei. Fizeste questão de colocar no meu calendário.

O rosto da mulher causou-lhe desconforto, como se estivesse a esmiuçar aquelas palavras azedas.

— Achas que precisamos de mais sessões? — lançou ela.

— Talvez. Mas não agora. Temos exagerado, ainda estou a recuperar das últimas. Vamos esperar.

— Sim. Parece-me bem.

Percebeu que ela não gostou da resposta. Aproximou-se e deu-lhe um beijo nos lábios, agora tensos, sentindo uma extrema necessidade de a compensar pela hesitação.

— Seraphine, eu amo-te. Quero que isto volte a ser como era. Mais fácil. Mas sem pressas.

— Eu sei. Agradeço-te por isso.

A empregada entrou em casa e o momento quebrou-se. Caminharam juntos até ao corredor, onde os estúdios ficavam frente a frente. Ele espreitou para o dela, um espaço quase intocado, como se ninguém trabalhasse ali, onde Seraphine fazia magia com a sua voz transcendental e letras carregadas de emoção. Uma emoção que Lázaro procurava constantemente nela.

Despediu-se com um toque no rosto dela. Viu-a entrar e fechar a porta.

O estúdio de Lázaro era o total oposto, centenas de ilustrações e esboços a tapar qualquer pedaço de parede, pilhas de livros e cadernos desarrumados em cima de estantes e uma persiana permanentemente fechada. Ali, entre a obscuridade da sua criatividade, sentia-se mais em casa do que em qualquer lugar do mundo.

O cavalete tinha ainda o esboço de uma caveira pintada, adornada por flores, que começara na noite anterior, antes de decidir ir ter com Seraphine. Mais uma a juntar-se às dezenas descartadas. Dentro da caveira partida, numa das metades, um olhar que

ainda não conseguira definir. Sentia-o fugir pelo labirinto das suas memórias quando agarrava no lápis.

A ansiedade arranhava-lhe o peito. Tirou uma caixa enfiada debaixo de uma estante e ficou a observar o conteúdo durante vários minutos. Sentiu a habitual apatia, como se estivesse a ver imagens de outra pessoa, de outra vida. Algo que não era real. Algo que pertencia ao mundo dos mortos.

Uma memória.

Uma memória que já não era sua.

Tudo perfeito. Tudo errado.

Espelho sujo

Durante meio segundo, Bento acreditou que estava numa varanda virada para o mar, com sons de gaivotas e risos de crianças.

Depois, veio o barulho de alguém a tossir com catarro na divisão ao lado e o zumbido constante da ventoinha que mal conseguia arrefecer o quarto minúsculo. A cama era um colchão no chão, encostado à parede, com manchas que já deixara de tentar identificar. Cheirava a fritos frios e roupa húmida. Em tempos, ficara enjoado, mas já se tinha habituado.

Passou a mão pela cara e cabelo suados, como se pudesse arrancar a noite. O calor estava pegajoso, saturado. Um bebé chorava algures no prédio, alguém discutia com um intercomunicador e, lá fora, o chiado metálico do comboio soava como um trovão. Era o mote para se levantar.

Arrastou-se até à casa de banho que partilhava com mais quatro pessoas naquele apartamento. Encheu uma garrafa na bacia e bebeu a água com gosto amargo de uma só vez. Antes de regressar ao quarto, roubou do frigorífico uma fatia de piza do dia anterior. Preferia mentir aos outros a ficar de barriga vazia.

Abriu a janela a custo e sentou-se seminu no parapeito da janela, com uma perna do lado de fora. Com aquela aragem podia fingir que não vivia num sítio de merda.

Sacou do telemóvel enquanto observava uma enchente de pessoas cabisbaixas a entrar no comboio urbano e enfiava a piza

seca na boca de uma só vez. Deixou-se levar por um vídeo de uma mulher a cantar no quarto. Tinha poucos gostos e não era assim tão afinada, mas a melodia recordava-lhe algo, ou alguém. O quê, não sabia.

O ecrã pareceu vacilar.

E então surgiu.

Uma imagem súbita, intrusiva, como uma interferência na mente: discussões, gritos abafados em divisões escuras e sangue misturado com terra. A pontada na cabeça foi como um tiro, seguida de uma pressão na nuca que quase o fez cair da janela.

Cerrou os olhos com força. Talvez fosse o resquício de um sonho ou cenas de algum filme que vira.

Não. Não era isso. Era algo diferente, como uma presença carregada de mágoa e ressentimento.

Respirou fundo, procurando focar-se. Mas o desconforto não cedia. Dirigiu-se à pequena mochila encostada à parede. Tirou de lá uma caixa de comprimidos amachucada e uma folha com o logótipo da empresa cujo nome o deixava nervoso sempre que o lia.

Engoliu um dos comprimidos mesmo sem água. Sentou-se na cama, curvando o corpo como se conseguisse impedir o mundo de entrar. Não demorou muito até sentir o entorpecimento chegar.

Não percebeu quanto tempo passou até o telemóvel vibrar à janela.

Uma mensagem da aplicação de entregas. Havia muitos pedidos e poucas pessoas disponíveis.

Bento encarou o ecrã durante alguns segundos. Acabou por ceder e dar entrada no circuito do dia. Tinha terminado as últimas entregas ainda de madrugada, bem precisava do descanso. Porém, também precisava do dinheiro. Precisava sempre de dinheiro, mas nunca o tinha realmente. Era um buraco negro de trabalho e sacrifício.

Para quê?

Levantou-se devagar, o corpo cansado como se tivesse passado por uma luta. Vestiu a mesma T-shirt e calções da noite anterior e saiu.

Saltou para cima da mota com o mesmo entusiasmo de um condenado rumo à cela. Entrou na aplicação e aceitou a primeira entrega que surgiu: sushi, do caro, para entregar num dos quarteirões do pessoal rico.

Esperou no exterior do restaurante com mais quatro estafetas calados. Depois de recolher o pedido, atravessou a cidade, desviando-se do trânsito infernal. Já trabalhava naquela empresa de entregas há tempo suficiente para seguir por atalhos que nem o GPS reconhecia. Quando chegou, inclinou a cabeça para observar o edifício, um dos mais altos da área. Pensou em como parecia uma torre onde viveriam deuses.

Era daqueles prédios com porteiro. Olhou para a figura de Bento de cima a baixo, mas acabou por deixá-lo subir quando disse qual era o apartamento. Saiu do elevador com o saco de sushi mal equilibrado numa mão e o telemóvel na outra, confirmando o número da porta. O corredor era forrado a madeira clara, com candeeiros embutidos que lançavam uma luz suave, como se todo o prédio estivesse a sussurrar-lhe que aquele mundo não era para ele.

Tocou à campinha.

Esperou. Cinco segundos. Dez. E a porta abriu-se.

A mulher diante dele parecia ter saído de um lugar familiar. Estava descalça, com um vestido que deixava à mostra a clavícula e o pescoço esguio, o cabelo loiro preso numa trança, um fio solto a cair-lhe pela face. E os olhos tão azuis, que pareciam conter o mar.

Foi como um murro sem aviso.

Um enjoo ácido subiu-lhe do estômago à garganta. O ar pareceu desaparecer. As mãos tremiam-lhe ligeiramente, mas apertou o saco de entregas como se quisesse esmagá-lo. Ela sorriu educadamente, sem reparar na forma como Bento começava a suar com a lava a borbulhar dentro dele.

— Obrigada.

A voz dela. Aquela voz. Não era possível!

Não sabia de onde a conhecia. Não sabia se a tinha visto antes num sonho, num ecrã, ou se era uma daquelas caras singulares que se colam ao inconsciente. Mas sabia, com um instinto que não vinha da lógica, que a odiava.

— Qual é o código? — murmurou ele, tentando manter um tom neutro.

Ela demorou alguns segundos a procurar a mensagem. Parecia distraída, com a mente bem longe dali, talvez num outro mundo onde o sol é agradável na pele e a única preocupação é qual o sushi que vai encomendar.

E Bento ali, a engolir raiva como se fosse lixívia.

Finalmente indicou o código. Disse «boa tarde» com uma delicadeza ausente e fechou a porta.

Bento permaneceu à frente da porta fechada, paralisado. Um zunido começava a martelar-lhe o crânio, o mesmo que sentira logo pela manhã. Não conseguia afastar a imagem dela. Nem o cheiro. Nem a voz. Nem aquela sensação absurda de que, algures dentro dele, conhecia aquela mulher.

Entrou no elevador com os punhos cerrados e os maxilares tensos. À medida que descia, uma explosão de imagens e sentimentos horrendos tomaram conta dele, roubando-lhe o ar novamente.

Não era possível que aquilo estivesse a acontecer. Disseram-lhe que nunca iria acontecer!

Já na rua, ignorou um novo pedido que surgia na aplicação e ligou para o número rabiscado na caixa de comprimidos que trazia no bolso.

— Preciso de ajuda. Passa-se algo de errado.

— Vou avisar o doutor — respondeu uma voz feminina do outro lado.

Antes de partir na mota, Bento olhou uma vez mais para o topo do prédio onde aquela mulher estaria indolentemente a comer sem saber que, naquele momento, tudo o que ele queria era fazer-lhe mal.

A voz e o silêncio

O sushi chegara mais cedo do que o habitual. Lázaro costumava dizer que isso era sorte, mas Seraphine não acreditava em coincidências felizes, apenas em padrões disfarçados. Bastou olhar para o rosto embaçado do estafeta para saber que a pressa se deveria ao tipo de local onde vivia. Talvez até a tivesse reconhecido, algo cada vez mais comum no seu dia a dia. Depois de confirmar a entrega, aceitou dar uma gratificação.

O cheiro intenso a salmão e wasabi invadiu o ar rarefeito da penthouse. A intenção era partilhar a refeição do restaurante favorito do marido, como costumavam fazer às quartas, mas o estúdio de Lázaro mantinha-se em silêncio. A maçaneta parecia sempre mais fria quando ele decidia desaparecer lá dentro. Era a sua arte, é verdade. Mas Seraphine tinha saudades de quando fazia parte dela.

Terminou a refeição sem apetite e dirigiu-se ao seu estúdio. As paredes estavam cobertas por painéis acústicos, forrados a veludo cor de vinho. Um microfone profissional ocupava o centro da divisão, como um velho companheiro. Havia uma cadeira alta, um computador, um piano digital e um ring light escondido entre plantas ornamentais, tudo pronto para os vídeos que geravam milhões de visualizações. Num canto, o telemóvel repousava num suporte articulado, virado para o fundo neutro, mas artístico, que tinha criado: uma tapeçaria antiga e uma jarra com flores sempre frescas.

Era ali que Seraphine se transformava na mulher que os outros viam, maravilhados. E onde, pouco a pouco, deixava de ser ela.

Sentou-se na secretária e abriu o caderno na página que abandonara na noite anterior. Havia mais frases riscadas do que limpas, escritas na sua caligrafia minuciosa. Conseguia ver nas entrelinhas o momento em que decidira ir ter com Lázaro, na esperança de que, naquela manhã, tudo fluísse melhor. O que tinha gravado secretamente com o smartphone não era suficiente. A melodia pairava na sua cabeça há dias, mas não conseguira ainda encontrar a harmonia ideal, as palavras ideais. A alma ideal.

Versos mortos, era o que aquele caderno tinha.

Arrancou a folha, apostada em começar do zero, talvez até focar-se nos momentos felizes que passara com Lázaro apenas horas antes, mas era como se as palavras e a música lhe fugissem, como se soubessem que não pertenciam àquela caneta e àquela mulher.

Frustrada, largou tudo e pegou no telemóvel. O ecrã iluminou-se com notificações, todas sobre ela. Vídeos de reações a uma atuação recente, em que cantava «Valsa para Um Esquecimento», uma das músicas com mais alcance. Uma jovem chorava com a mão no peito, outro abanava a cabeça como se tivesse sido atravessado por algo sagrado.

Tudo graças à profunda emoção da sua voz.

Só o som de Lázaro algures na casa a tirou do torpor das redes sociais. Era habitual ficar várias horas seguidas no estúdio, perdido em mil ilustrações saídas de uma imaginação que tinha tanto de prodigiosa como de obscura. Ainda se lembrava daquele rapaz gótico que conhecera há vários anos. Seraphine tinha-se apaixonado primeiro pela criatividade e só depois pelo homem.

Porém, Lázaro estava longe de ser a força da natureza criativa de outrora. Por aqueles dias, era um homem fechado, zangado e cheio de segredos.

Por isso é que o *procedimento* era tão importante para ambos. Mas especialmente para ela.

Aproximou-se da porta dele, mas hesitou, com a mão no ar, mesmo antes de bater. Lá dentro, tocava Linkin Park baixinho, uma das bandas que ouvia repetidamente desde a adolescência.

Lázaro estava longe. Irremediavelmente longe.

Baixou a mão e regressou ao seu estúdio. Procurou por um contacto e ligou. Do outro lado, uma voz feminina aveludada cumprimentou-a com um entusiasmo exagerado.

— Boa tarde. Pode atender-me amanhã à tarde? De manhã tenho um compromisso — informou ela, lembrando-se da sessão fotográfica que tinha agendada.

— Claro que sim. Para si e para o Lázaro?

— Não. Será só para mim. Não será o atendimento habitual.

— Compreendo. Apareça ao final da tarde, então. Tratarei do resto. Até amanhã.

Desligou a medo, como se alguém pudesse estar a ouvir. O seu coração acalmou-se e sentiu as cores e os sons do estúdio ligeiramente mais presentes. Precisava daquilo. Para o bem da sua arte. Mas, sobretudo, pelo seu bem.

Recordou novamente a noite passada com Lázaro. Ligou o telemóvel e assistiu às imagens intensas e carnavais com ele, entre lençóis, suor e gemidos.

E a inspiração regressou, tão doce, tão visceralmente viva.

Memória #001

A festa da universidade estava cheia de gente, demasiado barulho, demasiado tabaco. Ninguém parecia importar-se com a desafinação das músicas, desde que o microfone continuasse a circular.

Ela subiu ao palco improvisado como se fosse a coisa mais natural do mundo. A escolha não era original, mas cantava com uma entrega que a distinguiu dos outros. Não precisava de beber para ganhar coragem. A confiança estava-lhe gravada nos gestos.

Ele estava sentado no canto mais escuro da sala, afastado do palco, com um caderno aberto no colo. Fingia não ter interesse em nada daquilo, mas o lápis tinha parado mal a ouvira cantar. Ergueu o olhar e deixou-se prender pelo brilho da voz dela, mais seguro e vivo do que qualquer outra naquela noite.

Quando a música terminou, ela atravessou a sala com o mesmo sorriso que levava para o palco. As pessoas abriam caminho para lhe falar, mas foi naquela direção, para o canto onde ele se escondia, que acabou por seguir. Ele não esperava o interesse.

Ela inclinou-se e espreitou os desenhos. Sorriu ao ver os traços do rosto de uma mulher na folha, sofridos, mas profundamente belos. Ele fechou o caderno, sem jeito. Não conseguiu disfarçar a surpresa de a ver ali, com ele, quando podia estar rodeada por qualquer outra pessoa.

Trocaram algumas palavras banais, nomes, cursos. Nada memorável. Mas havia algo no silêncio que se seguiu, uma atenção mútua que já não precisava de explicações.

Naquela noite, por entre a confusão e o ruído, ele esqueceu o caderno e ela manteve-se sentada ao seu lado como se não existisse ali mais ninguém. Foi suficiente.

Escuridão e luz

A luz artificial aquecia em demasia. Lázaro sentia-se asfíxiado, mesmo com os dois botões da camisa desapertados. Os cliques da máquina fotográfica pareciam marteladas na cabeça.

Seraphine posava com a naturalidade de quem tinha nascido para aquilo. O vestido carmesim escorria-lhe pelo corpo, o olhar firme, sereno e vulnerável no ponto certo. Ao lado dela, Lázaro sentia-se um figurante num sonho onde ela era protagonista.

A sessão era para uma proeminente revista digital, daquelas que celebram «artistas autênticos» com efeitos de alta-definição e frases editadas para caberem num carrossel de imagens no Instagram. Tinham sido convidados como «o power couple do mundo artístico contemporâneo»: ele, o ilustrador do macabro e do obscuro; ela, a voz de anjo que faz chorar.

Lázaro sabia porque estava ali. Era importante para a carreira dela. Para a sua imagem. Para a ideia de perfeição artística a dois. Mas sentia uma irritação muda e uma frustração que lhe roía os gestos mais simples. O pior era já não conseguir encontrar a origem daquela inquietação que aparecia sem avisar. Sabia bem o motivo para esse vazio, uma suposta solução que surgira quando ele e a mulher andavam à deriva.

— Inclina-se só mais um pouco para ela... Isso! Lázaro, vá lá, olhe para ela como se fosse a deusa por quem se apaixonou — pediu o fotógrafo, com um entusiasmo forçado.

Ele obedecia com um esboço de sorriso. Seraphine brilhava. Brilhava sempre. Sabia adaptar-se a qualquer contexto como ninguém. Mas ele conseguia ver para lá da máscara. O mundo conhecia-a como Seraphine, mas Lázaro ainda se lembrava de quando se chamava Alice e cantava a medo.

Aquele momento devia ser bonito. Memorável. Uma verdadeira celebração do sucesso de ambos. Mas tudo o que Lázaro queria fazer era fechar-se no estúdio com as suas tintas e monstros.

— Prontos para a entrevista? — perguntou um estagiário, quando finalmente cessaram os cliques da máquina.

Trocaram um olhar. Ela sorriu. Ele assentiu, maquinalmente. Minutos depois, estavam sentados num sofá ridiculamente baixo, frente a uma jornalista jovial de olhos vidrados de entusiasmo, e um gravador pousado em cima da mesa.

— Finalmente, o casal Delambre! A arte e a voz da emoção. É incrível ter-vos aqui, um casal que representa o que há de mais vibrante na cena artística atual — disse, apertando-lhes as mãos com vigor. — Podemos começar por si, Lázaro. Porquê ilustrar?

Respirou fundo antes de responder. Não gostava daquele tipo de perguntas tão ocas, tão diretas. Eram sempre armadilhas.

— Desenhar foi a primeira forma que encontrei para me expressar. Desde pequeno que havia barulho a mais dentro de mim. Comecei por desenhar obsessivamente nas margens dos cadernos de escola. Formei-me na área, nunca parei de desenhar e ilustrar até encontrar a minha voz enquanto artista. É um processo de autodescoberta que nunca termina. Tive muita sorte por me ter cruzado com apreciadores da minha arte e dos meus livros que me ajudaram a crescer e que me permitem manter o meu estilo em plena explosão do mundo digital e da Inteligência Artificial.

Seraphine pareceu agradada com aquela resposta que já tinha usado dezenas de vezes. A jornalista nem tanto.

— Está a ser modesto, Lázaro. É um dos artistas de maior destaque no panorama literário internacional. Já ilustrou livros de

grandes autores e os seus próprios livros são presença assídua em tops de vendas. Qual é o segredo do seu sucesso?

— Persistência, paixão e saber quando parar de ouvir conselhos.

O último comentário arrancou um sorriso à jornalista e a Seraphine.

— Pegando na «paixão», estando na presença dos dois, não consigo deixar de imaginar que são a musa um do outro. Como é que canaliza a sua inspiração para apresentar ilustrações tão profundamente oníricas e, ao mesmo tempo, sombrias.

— A Seraphine será sempre a minha musa, sim — respondeu, agarrando na mão fria da mulher. — Como disse antes, a minha mente sempre foi povoada por todos esses seres e figuras negras. Apenas lhes dou vida no papel.

— Pode adiantar-nos alguma coisa sobre o seu novo trabalho? Há algum tempo que não temos notícias suas.

Algo se estilhaçou dentro de si. Largou a mão de Seraphine devagar e a sua voz ficou embargada com o desconforto. Não, não era desconforto. Era impaciência.

— O projeto em que estou a trabalhar mergulha nas tradições do Día de Muertos, do México. Estive lá no ano passado, a fazer pesquisa. Ilustro histórias que me perseguem e me assombam. É um trabalho especialmente desafiante, manter um equilíbrio entre o macabro e o humano. Quero honrar a tradição e apresentar algo muito especial para o público.

A jornalista esboçou um sorriso cínico, como se conseguisse ver a mentira por entre aquelas palavras ensaiadas.

— Fascinante. E, Seraphine... — a jornalista voltava-se agora para ela como quem se vira para a luz. — A sua ascensão foi meteórica. De concertos mais discretos e um álbum que a crítica adorou à voz da banda sonora de *Velvet Requiem*, um dos filmes mais premiados do último ano. Como lidou com tudo isso?

— Com espanto e gratidão — respondeu Seraphine, rindo. — Quando recebi o convite para trabalhar nessa banda sonora,

não sabia se iria ser capaz. Era um projeto independente, mas a história e as personagens eram geniais e senti desde logo uma imensa afinidade. Decidi que o melhor caminho era manter-me fiel à minha arte. A música do filme pedia alguma sensibilidade e percebi que podia dar-lhe isso. Depois, as redes fizeram o resto. Às vezes, um vídeo no TikTok pode ter mais impacto do que uma década de espetáculos.

— Mas mantém uma carreira mais convencional também, certo?

— Claro. Amo os palcos e cantar para o público. O meu objetivo é colaborar com orquestras e outros artistas com os quais me identifico. Sinto-me confortável em qualquer lado, seja com uma plateia, num estúdio ou na minha casa, em frente ao telemóvel. É algo sublime poder fazer aquilo de que mais gosto, mas ainda mais saber que posso acordar corações adormecidos com a minha voz.

— Pegando nesse tema, é descrita pela crítica como uma das vozes mais originais da atualidade. A mistura de estilos e de influências e as letras poderosas tornam-na numa cantora única. Não tem medo da pressão?

— Gosto da pressão. Ajuda a superar-me — explicou com um gesto elaborado que fez Lázaro desviar o olhar para uma parede.

— E futuros projetos? O que podemos esperar da Seraphine nos próximos tempos?

— Neste momento, estou focada no espetáculo na Ópera de Lys que terá lugar daqui a umas semanas, com a Orquestra Sinfónica de Lune. Vou cantar músicas do meu álbum, mas também temas que tenho apresentado nas minhas redes. Quem sabe, algo novo... O concerto dará o mote para novos espetáculos e um novo álbum em que tenho estado a trabalhar.

— Quase não consegui bilhete! Esgotou em poucos minutos.

— Estou mesmo muito grata por isso. Eu e a minha equipa optámos por um grande concerto, algo impactante que fique na

memória dos espectadores, mas também do público, em casa. Decidimos transmitir em direto para todo o mundo.

— O digital está sempre presente na sua carreira, pelos vistos. Não teme que seja considerada inferior pelos seus pares?

— Vivemos numa nova era onde o digital tem dominado. Sou apenas uma artista a adaptar-se aos novos tempos para levar a minha música a mais pessoas.

A jornalista fez uma breve pausa. Estava encantada com aquelas respostas. Com o contraste. Com a aura. Com o mistério nos olhos de Lázaro e a alma nos de Seraphine.

— O vosso trabalho parece complementar-se. Um na escuridão e outro na luz. É realmente espantoso ver um casal com tamanha devoção pela arte e, ao mesmo tempo, um pelo outro.

Seraphine esboçou um sorriso enviesado.

— Talvez sejamos só dois lados do mesmo espelho — disse, numa voz adocicada.

Foi agora a vez de Seraphine agarrar na mão de Lázaro. Não a afastou, mas o seu olhar voltou a desviar-se. A jornalista continuou sem notar o descompasso, mas Seraphine sentia-o na pele.

— Falem-me um pouco mais da vossa relação. As vossas rotinas, como lidam com o sucesso um do outro...

— Acho que vou ficar por aqui — anunciou Lázaro, levantando-se.

— Lázaro... — chamou Seraphine num misto de censura e desilusão.

— Tenho um compromisso inadiável. A minha mulher pode continuar a responder às suas perguntas. Saberá responder melhor do que ninguém.

Lázaro despediu-se de ambas com um breve aceno, apercebendo-se de que tinha soado mais sarcástico do que desejava. Fora algo impulsivo, vindo de um lugar que julgava já ter sido apagado. Não se virou para trás, mas sabia que os olhos de Seraphine estavam a queimar as suas costas.

*

O bar à beira-mar parecia preso no tempo. As mesas de madeira estavam rachadas e exibiam tantas marcas de copos que já tinham mudado de cor. As paredes exibiam sinais de humidade e o velho aparelho de som estava num ciclo repetitivo de música rock dos anos 90. E, no entanto, era um dos locais favoritos de Lázaro.

A fuga da entrevista fez com que chegasse vinte minutos antes. Arregaçou as mangas da maldita camisa que Seraphine escolhera para ele, sentindo o tecido colado à pele suada. Pediu uma caneca de cerveja ao jovem ao balcão e inspirou o aroma a maresia e ferrugem que inundava aquele local.

Quando o rapaz trouxe a cerveja, reparou no noticiário que passava na televisão sem som por cima do balcão. Um homem desapegado na região, o segundo no espaço de duas semanas, sem explicação aparente. Só se apercebeu da ansiedade que aquilo lhe estava a causar quando sentiu uma farpa a espetar-se no dedo ao esfregar nervosamente a mão na mesa. Arrancou-a rapidamente e começou a chupar o sangue no preciso momento em que Lucas chegou.

Trazia o casaco de cabedal ao ombro, os braços cobertos de tatuagens completamente expostos e o habitual sorriso de quem se está a lixar para o mundo. Apesar de ter chegado à hora combinada, tinha sempre ar de quem não tem pressa para nada.

— Espero que essa seja a tua segunda ou terceira caneca — disse Lucas na sua voz rouca. Cumprimentou Lázaro com duas palmadas no ombro e sentou-se com um suspiro relaxado.

— Não estou aqui há muito tempo, ainda é a primeira. Não será a última, isso é certo.

— Ui, já percebi que o circo foi animado. É por isso que continuas a vir a esta pocilga, para fugires da tua vida *perfeita*?

— Também gostas de cá vir...

— Claro que sim. Sabes que adoro sítios destes. É uma das muitas coisas que nos une.

Lucas fez sinal ao empregado sem sequer olhar. Era o tipo de homem que trazia sempre um pouco de caos com ele, assim como cheiro a tabaco e gasolina velha.

— Foi assim tão mau?

— A entrevista era para uma daquelas páginas culturais que se acha muito dinâmica e moderna. A Seraphine safa-se bem com isso, adora falar sobre a nossa arte e a nossa relação. Não tenho paciência para isso, estava a sentir-me uma fraude. Levantei-me e saí.

— Ultimamente tens sentido muito isso. Pensava que a síndrome de impostor era algo do passado. Como está a correr o livro, já agora?

Lucas era das pessoas que melhor conhecia Lázaro. Dez anos antes, quando a sua carreira ainda estava a arrancar, fora convidado para ilustrar uma história de terror de Lucas, uma das novas grandes vozes da literatura. Reuniões de trabalho passaram para conversas em bares, centenas de mensagens de telemóvel e até viagens a dois. Havia algo na personalidade de ambos que encaixava e que permitia que comunicassem apenas com uma troca de olhares ou um esgar. Atualmente, eram autores bestseller, nos seus respetivos géneros, e pessoas muito mais ocupadas. Mas arranjavam sempre tempo para uma palavra de conforto no stress da vida.

— Vai correndo. Ainda não consegui captar a essência deste trabalho.

— Estás há demasiado tempo com isso. Está a consumir-te. Conheço essa sensação, é a minha matéria-prima. Tens de encontrar um ponto de equilíbrio ou vais parar a um sítio difícil de sair, amigo.

— Acho que já estou lá...

— Isso deve ser das merdas que andas a fazer com a Seraphine naquele procedimento marado.

Lázaro ficou tenso e deixou-se ficar calado a olhar para a cerveja no fundo da caneca. Aquele era um assunto que ainda

o deixava desconfortável. Sentia-se sujo, até doente, devido ao vazio que continuava a encontrar em vários recantos da sua mente.

— Há quanto tempo andam a fazer isso? Já te tinha dito que essa empresa é muito duvidosa.

— Está a salvar o meu casamento — cortou Lázaro. — Não que entendas isso...

Lucas deixou passar o insulto, mas continuou a fitar o amigo com uma expressão séria. Estava a tentar ver para lá do semblante carregado de Lázaro. Para lá da muralha.

— Sabes que eu e a Seraphine nunca fomos muito à bola um com o outro, mas até fiquei contente por ver que estavam a lutar pela relação. Sei que a ideia não foi tua. Podiam simplesmente aceitar que o casamento já não funciona em vez de continuar a achar que os *remendos* vão resolver tudo.

— Eu amo a minha mulher, Lucas — rosnou Lázaro com uma intensidade que nem reconheceu como sua.

O amigo pediu mais duas canecas ao empregado.

— Estás a falar da Seraphine cantora ou da Seraphine mulher? Quando te conheci, eras mais destemido. Por estes dias, pareces uma sombra do que eras. Em que momento te perdeste no caminho, Lázaro?

— És meu psicólogo, agora?

— Não, sou teu amigo. Se calhar o único que tem tomates para te dizer as coisas na cara. Já passei por muitas merdas para me preocupar se ficas chateado ou não.

— Eu sei, desculpa...

— Estás a ver? O Lázaro que conhecia nunca pedia desculpa. Mandava-me dar uma curva e ligava-me dois dias depois a dizer que eu tinha razão. Estás a acumular tudo. És uma bomba-relógio e não há procedimento que resolva isso.

— O procedimento tem ajudado. Não é só a relação. Há outras coisas que tenho cá dentro por resolver.

— O que sobra do Lázaro depois disso? Somos feitos de luz e escuridão. Tu sabe-lo muito bem e usas isso na tua arte, tal como eu uso nas minhas histórias.

— Isto não é um dos teus livros. É a realidade.

— A realidade já é bem mais negra do que os meus livros...

Deixaram-se ficar em silêncio enquanto bebiam e miravam o mar cada vez mais revoltado naquele final de tarde, cada um perdido nos seus pensamentos.

— A Seraphine está com um sucesso estrondoso — murmurou Lucas com os cotovelos na mesa e os dedos entrelaçados. — Vai sobreviver sem ti. O que interessa aqui é o que *tu* queres fazer.

Ao anoitecer, os amigos despediram-se com um abraço e seguiram caminhos separados. Lucas ia viajar durante alguns dias e Lázaro sentiu-se desamparado e pequeno naquele pontão. Em vez de seguir para casa, andou sem destino pelas ruas. Talvez a inspiração chegasse sem avisar. Talvez conseguisse vislumbrar o rosto dentro da caveira pintada por entre as pessoas que passavam. Aquele que ainda não conseguia captar em toda a sua plenitude e alma.

Uma mensagem de Seraphine fez o telemóvel vibrar no bolso. Estava preocupada com ele. Sugeriu um jantar no sofá e uma série para descontraír. Terminou com um emoji de coração, um pequeno gesto de carinho raro em si. Ela estava a tentar.

Lázaro olhou para o céu sem estrelas, sentindo a inspiração a escapar, mas, ao mesmo tempo, a ansiedade a recuar. Também ele tinha de lutar pelos dois. Talvez mais sessões pudessem ajudar, como ela praticamente implorara com palavras mudas.

Acabou por ceder e caminhou em direção a casa, embora já não soubesse o verdadeiro significado dessa palavra.

A SUA NOVA VIDA COMEÇA COM O ESQUECIMENTO CERTO.

O Projeto Anemone revolucionou o mundo ao permitir a transferência de memórias negativas para outras pessoas, a troco de dinheiro. O procedimento é caro, exclusivo e promete um recomeço limpo.

Seraphine e Lázaro Delambre são o casal sensação do meio artístico: ela, uma compositora e intérprete em ascensão, e ele, um ilustrador consagrado pela sua arte obscura. Por trás da imagem pública, escondem um casamento marcado por silêncios e demónios que decidem entregar ao Anemone.

Do outro lado do privilégio, Bento vive na corda bamba. Endividado e exausto, trabalha como estafeta e aceita tornar-se recetor das memórias tóxicas de um desconhecido. A empresa garante que nunca se lembrará delas nem saberá a quem pertenceram.

Até ao dia em que faz uma entrega em casa dos Delambre e é Seraphine quem abre a porta. Nesse instante, um ódio intenso e inexplicável desperta dentro de si. As memórias deixam de ser difusas. Tornam-se reais. Violentas. E nada volta a ser como antes.

O Peso dos Outros é um thriller psicológico inquietante sobre memória, culpa e relações num mundo refém da tecnologia, em que esquecer é um privilégio e, invariavelmente, alguém tem de carregar o que foi deixado para trás.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt

 penguinlivros

ISBN: 978-989-589-258-7



9 789895 892587